

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Onde mora o perigo

Nas conversas mais reservadas, há quem esteja com receio de que o PT comece a bombardear o arcabouço fiscal que Haddad pretende propor. Por isso, todo o cuidado será pouco na hora de fechar o teto a ser encaminhado ao Congresso. Diante das dificuldades que se vislumbram na economia, com inflação acima da meta, não é hora para fogo amigo.

Turmas diferentes

Nos bastidores do PP, há quem diga que o deputado Mendonça Filho (PE), do União Brasil, deixou de ser relator do arcabouço fiscal no momento em que as conversas para a montagem da federação entre PP e UB foram suspensas. Mudou a conjuntura, mudou o relator.

Lula entre a cruz de Lira...

Aliados de Arthur Lira garantem que ele não pretende abrir mão do poder da Casa, de avaliar primeiro as medidas provisórias. O Centrão considera que, constitucionalmente, cabe ao Senado o papel de casa revisora. Portanto, não dá para os senadores iniciarem a avaliação das MPs. Logo, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da alternância das MPs entre as duas Casas terá problemas.

... e a espada de Pacheco

Se a maioria dos deputados seguir nessa direção defendida por aliados do presidente da Câmara, ficará difícil Lula patrocinar um acordo para aprovar uma tramitação dentro da PEC da Alternância defendida pelo Senado. A avaliação de alguns é de que dá para tentar ganhar espaço, mas não dá para brigar com o Centrão nesse momento.

Tempo esgotado

A discussão do arcabouço fiscal marcará o fim do “recreio” entre o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). A decisão do deputado, de colocar na relatoria da proposta alguém da sua confiança e menos afinado com o Palácio do Planalto, está tomada. O PT, nos bastidores, tem dito que não quer saber de um opositorista nessa função. O PP, porém, quer mostrar quem manda na Câmara.

O governo só anunciará o novo arcabouço fiscal depois da reunião do Conselho de Política Monetária (Copom), na segunda e na terça-feira. Aí começará o jogo congressual bruto, com empurrões e cotoveladas no Parlamento. Até aqui, por mais que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tenha se mostrado um monge budista na largada da proposta, conversando com Lira sobre o tema antes mesmo da reunião com Lula, o clima é de tensão.



CURTIDAS

Segredo de polichinelo/ Ao colocar o deputado Vinícius Gurgel (PP-AP) como presidente da Comissão Especial de Documentos Sigilosos, o presidente da Câmara garantiu um aliado num posto-chave. Por ali, passarão todos os papéis que chegarem à Casa com o compromisso de manter segredo.

Michelle, o chamariz/ Já são 250 pessoas confirmadas na solenidade no Hípica Hall, em que a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro assumirá o PL Mulher, na manhã de terça-feira. Ela continua como a principal aposta do partido para atrair candidatas.



A missão de Valdemar.../ O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, encerra a semana no Rio de Janeiro tentando contornar a crise no partido para a escolha do candidato a prefeito da capital fluminense. O objetivo central é evitar que o governador Claudio Castro (foto) saia do PL.

... é dose para leão/ Como já se sabe, o prefeito do Rio, Eduardo Paes, convidou Castro a se filiar ao PSD. O governador tem tempo para decidir o futuro. Afinal, só concorrerá à eleição em 2026.

PODCAST DO CORREIO / Apoiadora de primeira hora de Jair Bolsonaro, deputada Bia Kicis promete rigor na presidência da Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara. Parlamentar também comentou a trajetória pessoal em Brasília

Contas fiscalizadas com lupa

» MARIANA ALBUQUERQUE*

À frente da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara, a deputada Bia Kicis (PL-DF) promete analisar com lupa todas as contas do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. A afirmação foi feita ontem, durante a gravação do *Podcast do Correio*. Segundo a parlamentar, a fiscalização rigorosa não é somente parte da atuação como oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas uma necessidade de controlar os gastos feitos, segundo ela, por um partido (o PT) que tem um histórico de relações duvidosas com o dinheiro público.

“A nossa função é fiscalizar como o dinheiro é gasto no Palácio do Planalto, nos ministérios, nos bancos públicos e nas estatais. Tenho certeza que vamos ter muito trabalho, dado ao histórico dos governos do PT, farto em

malversação em dinheiro público, corrupção e desvios”, criticou. Indagada sobre os dois conjuntos de joias presenteados pelo governo saudita a Jair Bolsonaro e à ex-primeira-dama Michelle, evitou de aprofundar o assunto. Disse que está se inteirando e que acompanha os movimentos dos organismos encarregados de apurar o caso.

Sobre o retorno do ex-presidente ao Brasil — cuja data foi adiada pelo menos três vezes —, considera que ele deveria ficar mais tempo nos Estados Unidos. “Deveria ficar mais porque está sendo muito procurado por jornalistas, por gente de mídia muito grande lá, que quer ouvi-lo. É uma oportunidade para falar lá fora, para ser ouvido e contar a versão dele da história”, sugeriu.

O *Podcast* com Bia Kicis não versou apenas sobre política e a situação atual do país. Também deu oportunidade para que

a deputada — carioca de nascimento e brasiliense por adoção — explicasse a participação em um bar punk na capital. “Tenho cinco vidas em uma. Gostava de conhecer gente, mudar de colégio. Durante um verão, resolvi trabalhar no Disk Amizade, que as pessoas ligavam e conversavam. Fiz amigos e até criamos o Radical, que virou um reduto do rock em Brasília. A ideia era ter um bar que não fechava — Capital Inicial, Renato Russo e Plebe Rude tocaram lá. Reunia toda a meninada da época, pessoal de cabelo azul, filho de diplomata, filho de professor da UnB, motoqueiro. Era uma farra boa”, disse.

A conversa, conduzida pelos jornalistas Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza, está disponível nas plataformas de streaming.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Ed Alves/CB/DA.Press



Parlamentar conta, orgulhosa, a participação em um bar de Brasília, palco das principais bandas de rock da cidade

CONGRESSO

Rosinei Coutinho/SCO/STF



Para presidente, deputados são sub-representados nas comissões

Lira articula fim de comissão especial

» KELLY HEKALLY
Especial para o *Correio*

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), costura o fim das comissões mistas do Congresso — que se destinam a apreciar medidas provisórias (MPs) e tornaram-se razão de um cabo de guerra entre ele e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). A ideia do deputado é que os colegiados sejam extintos via Proposta de Emenda Constitucional (PEC).

Por trás da manobra de Lira

está a manutenção de um poder conquistado na pandemia. Para agilizar os trabalhos no período mais agudo da crise sanitária, MPs passaram a ser levadas à apreciação diretamente em plenário. Esse formato dá ao presidente da Casa a prerrogativa de indicar o relator das medidas provisórias — o que aumentou o cacife de Lira para negociações com o Palácio do Planalto.

Além da questão da celeridade, para a extinção das comissões mistas Lira também argumenta a falta de representatividade

nos colegiados que analisam as MPs. Com 12 integrantes — seis para cada Casa do Congresso —, o presidente da Câmara considera que há uma desproporção, uma vez que a quantidade de deputados (513) é muito maior que a de senadores (81).

O modelo de Lira tem a simpatia de deputados e senadores. “Tem a vantagem de compartilhar (a decisão)”, observou líder do União Brasil no Senado, Efraim Filho (PB). “Se conseguir mudar para o relator fazer o debate em plenário, há mais

chances de outros participarem”, completou o deputado Carlos Zarattini (PT-SP).

Para o líder do PDT no Senado, Cid Gomes (CE), a alternância entre as Casas — a ser definida também por uma PEC — contornaria a disputa para a tramitação das MPs. Mas, por estarem previstas na Constituição, há quem não aceite a extinção das comissões. Por isso, o senador Alessandro Vieira (PSDB-SE) impetrou ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para que decida a questão.